

O MERGULHO ENQUANTO PRÁTICA CORPORAL DE AVENTURA DE AVENTURA: PARA ALÉM DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR EM MELGAÇO / PA

Patrícia do Socorro Chaves de Araújo^{1,*}, Elienai Costa Nogueira², Mara Cavalcante de Sousa²

(¹Universidade do Estado do Pará, Av. João Paulo II nº817, Marco, Belém, Pará, 66095-490 Brasil; ² Universidade do Estado do Pará, Melgaço, Pará, Brasil;

*patriciadaraujo@hotmail.com)

RESUMO: Este texto apresenta uma proposta de inclusão do mergulho vivenciado por adolescentes no arquipélago marajoara enquanto prática corporal de aventura (PCA) no qual fazemos o deslocamento de autobiografias de movimento para biografias de movimento na Educação Física Escolar. Também apontamos limites e possibilidades para a inserção deste conteúdo na Educação Física Escolar. Realizou-se pesquisa de campo a partir de entrevista semiestruturada direcionada aos alunos do 9º ano, além de grupo focal. Concluímos pela importância deste conteúdo e advogamos que sua inclusão na Educação Física Escolar deva ser balizada por propostas pedagógicas a partir do levantamento das autobiografias de movimento com os alunos/as para realizarmos a passagem para biografias de movimento de forma dialógica. Deste modo, os professores de Educação Física possuem um papel importante na mediação do conteúdo das PCA para possibilitar os alunos a escreverem suas próprias autobiografias a partir de suas experiências durante as aulas.

Palavras-chave: Prática Corporal de Aventura; Educação Física Escolar; Biografia de movimento.

INTRODUÇÃO

Apesar do ser humano não ter a capacidade de sobreviver em ambiente aquático, conseguimos superar essa limitação ao desenvolver técnicas (que permitem que o homem e mulheres submerjam durante determinado período) denominadas de mergulho, considerada uma atividade fascinante que combina exploração subaquática.

Temos a intenção de apresentar o tema, o mergulho enquanto prática corporal de aventura e identificar na vivências dos alunos (as) da região rural da cidade de Melgaço /Pa que realizam no seu cotidiano o mergulho enquanto contemplação e extração do peixe para alimento e sobrevivência na Amazônia marajoara, assim buscamos contribuir na organização dessa vivências voltada para o processo de ensino aprendizagem no campo da práticas corporais de aventuras (PCA), dialogando com processo educativo materializado no arquipélago do Marajó¹¹, mais especificamente no município de Melgaço (Pa).

No qual os alunos (as) praticam o mergulho do tipo, a apneia ou o mergulho livre, sendo este talvez o mais antigo em nossa sociedade. Consiste na capacidade que o mergulhador tem de manter a sua respiração presa pelo maior tempo possível. Logo, esse tipo de mergulho dispensa qualquer auxílio de equipamento que ajude na sua permanência sob a água. Muito embora o mergulho livre, seja o mais utilizado para a observação do ambiente

¹¹ O arquipélago marajoara é formada por 17 municípios, no passado chamada de Ilha Grande de Joanes, foi palco estratégico para os colonizadores portugueses conquistarem a Amazônia Oriental. Desde então, sua riqueza natural e sua população tem sido objeto de intensa exploração, fato que ajuda a explicar as mazelas e as vulnerabilidades sociais da região. Mas, essa porção da Amazônia não se resume a problemas sociais. É potencialmente rica em recursos naturais e culturais - o que falta à região são políticas públicas que atendam às necessidades da população. Políticas que possam garantir que a riqueza anunciada sirva para sanar a carência do povo marajoara, e não apenas a ganância do capital.

aquático por leigos, ele também é considerado uma modalidade competitiva, na qual mergulhadores submergem com auxílio de equipamentos que os ajudam no percurso de volta.

Desde a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2018), as Práticas Corporais de Aventura (PCA) passaram a fazer parte, oficialmente, do rol de conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação Física (EF) nas redes de ensino de todo o país, sejam públicas ou privadas.

A BNCC determina legalmente os conteúdos e objetivos da Educação Fundamental, e nela aparece de maneira inovadora o conteúdo das 'Práticas Corporais de Aventura (PCA)¹²', sendo indicado para a EF desde o 6º. ano até o fim do Ensino Médio.

Neste contexto, a Educação Física, enquanto área de conhecimento, tem se dedicado em expandir os estudos sobre esta intencionalidade de movimento, traduzida enquanto objeto de estudo, a fim de compreender novas nuances e possíveis diálogos com as PCA, seja pelo lazer descomprometido e esporádico, sejam com fins educativos bem delineados e ainda, em ambientes de educação informal ou formal.

A compreensão de como o mergulho é realizado na comunidade Paricatuba espaço rural de Melgaço (Pa) nos despertou interesse, visto que esta autobiografia de movimento, ou seja, nossa área de conhecimento tem abordado esta temática, é o ponto de onde surge o nosso problema de pesquisa: Como o mergulho enquanto uma prática corporal de aventura vivenciada como uma autobiografia¹³ de movimento, pode ser configurada no contexto escolar o trato pedagógico como uma biografia¹⁴ de movimento?

No rastro deste questionamento este estudo tem por objetivo fazer um levantamento descritivo do mergulho praticado pelos alunos do 9º ano da Escola Floriano Pinto Gonçalves tematizando a Prática Corporal de Aventura (PCA)¹⁵ no contexto da Educação Física Escolar, preferencialmente, e incorporando as práticas educativas de educação intencional (ou formal, em sentido restrito) e não-intencional (informal, em sentido amplo) apresentando o passo a passo realizado, desde os implementos construídos pelos discentes que pescam ao realizarem o mergulho.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de campo de abordagem qualitativa, de cunho descritivo. Para a investigação em campo foi escolhida uma escola pública de ensino fundamental, no qual contou com a participação de 18 alunos, de ambos os sexos com idade entre 14 e 17 anos,

¹² Práticas Corporais de Aventura (PCA) - Adotamos este termo por compreender que as práticas corporais abrangem as mais diversas manifestações da cultura de movimento, desde as práticas mais lúdicas às mais esportivizadas. O termo aventura foi selecionado em detrimento de outros como, risco, na natureza, radical, por entendermos que a aventura está presente nessas outras expressões de movimento, de forma que a aventura seria, também, mais abrangente. Além deste fator, nossos estudos e práticas têm sepultado na busca pela sensação e emoção de aventura (do inesperado, desconhecido, imprevisível etc.), mas nem sempre no colocar-se em risco, ou buscar a manobra mais radical e independente de estar na natureza, ou não, considerando as possibilidades e potencialidades da Educação Física Escolar

¹³ A autobiografia de movimento está diretamente atrelada a lógica não formal, ou seja, os movimentos, brincadeiras, experimentações, fora dos muros da escola.

¹⁴ A biografia de movimento está diretamente atrelada ao ensino formal da Educação Física Escolar tem por finalidade oferecer aos educandos diferentes expressões do se-movimentar humano, compreendido em sua totalidade biopsicossociocultural. Para tanto, as ações pedagógicas passam a se centrar na experimentação e vivência sistemática dos movimentos, com vistas à autonomia, criatividade, prazer e respeito a si próprio e aos outros (SOUZA, 2019).

matriculados no 9º ano da escola Floriano Pinto Gonçalves, na vila Paricatuba zona rural do Município de Melgaço (Pa). A todos os sujeitos foram entregues Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual continha o objetivo e os detalhes da pesquisa.

A coleta de dados se deu pela aplicação da técnica grupo focal, caracterizada pela obtenção do discurso compartilhado dos sujeitos da pesquisa, permitindo a interação e o diálogo dos mesmos, pois a coleta é realizada simultaneamente a partir do direcionamento e da discussão do tema: Mergulho enquanto uma prática corporal de aventura: Para além dos muros da escola. Uma sessão de grupo focal foi realizada com a presença de 100% dos estudantes do 9º ano, que tiveram seu discurso gravado e transcrito. A análise de dados foi realizada por uso da técnica de análise temática, identificando a partir da transcrição da fala dos sujeitos, as palavras-chave que orientam o seu discurso e a partir disso descrever o cenário apresentado pelas experiências vividas e suas repercussões (MINAYO; GOMES, 2015).

Assim, diálogo junto aos alunos (as) objetivaram investigar suas percepções sobre o mergulho enquanto uma PCA, bem descrever de que maneira eles realizavam o mergulho contemplação e para pegar os peixes, quais os materiais utilizados e qual o melhor horário para realização da prática do mergulho.

Para a realização dessa etapa da coleta de dados, procedemos:

1. Entrega de ofício junto ao protocolo da escola para sua formalização;
2. Ida ao rio da região para contato informal com os estudantes, com o objetivo de observação direta no cotidiano;
3. Explicação aos estudantes de como se realiza uma sessão de grupo focal e na sequência a assinatura do TCLC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendo o mergulho como uma forma de se interagir com a natureza, pois além de utilizar todos os sentidos o mergulhador está interagindo de uma forma singular com seres aquáticos da Amazônia marajoara.

Nesta fase apresentamos algumas falas significativas e que foram repetitivas no diálogo no momento do grupo focal, esse procedimento de análise e discussão dos dados foram extraídos a partir das respostas dos alunos (as) a qual foi coletadas no grupo focal.

Como se chama a prática de mergulhar onde o pescador vai lá no fundo para capturar o peixe com uma flexa? É lazer? Realizam para contemplar ou para extrair o alimento da natureza?

Aqui na comunidade a gente conhece como mergulho para matar peixes para alimento e claro que agente também mergulha para o lazer!

A gente mergulha para se alimentar e para apreciar a natureza.

Mergulhar é a uma aventura para trazer peixe!

Mergulhar é alegria, é lazer sim!

Tem lazer e tem muita coisa para se aprender observando a natureza, é um momento de silêncio.

Todos os alunos (as) comentam que o mergulho é uma Prática Corporal de Aventura (PCA) e tem risco:

É uma emoção e tem que saber, não é só pular na água!

No meio tem diversão, porém mesmo na alegria precisamos ficar atentos e isso aprendemos desde criança.

Tem que saber aonde pular, como pular para não ter acidente!

Tem que prender a arma direito porque se disparar em direção a uma pessoa ela mata, é mais arriscado quando vai mais de um no casco, porque se a arma disparar acidentalmente e for no rumo da pessoa pode matar.

Pimentel (2013), entende essas atividades situadas no âmbito do lazer e relacionadas aos ambientes imprevisíveis e fora das práticas cotidianas culturalmente, e estabelecidas pela atividades na natureza, como o mergulho nos rios marajoaras, como práticas que são feitas em ambientes externos, cujo desafio é se superar em rios, rochas, ventos, trilhas etc.

Como é feita a arma usada para capturar os peixes na prática do mergulho?

Ela feita tipo assim você pega a madeira e faz no formato de uma arma, depois a gente coloca umas ligas bem potente e uma flexa bem afiada com um visgo na ponta que quando bala no peixe é pra entrar mesmo e não deixar sair.

Se não for assim, só aquela feita de ferro, que é feita por um profissional e a gente comprar, mas nem todo mundo tem dinheiro, aí agente faz.

A arma de mergulho que eles utilizam para o mergulho é artesanal, com madeira uma flexa de ferro pontiaguda, usa-se liga de soro para dar impulso na flexa no momento do disparo em direção do peixe.

Quais são os outros materiais que vocês utilizam para o mergulho além da arma?

A máscara que é feito de vidro e borracha com o formato redondo tipo uma bola serve para proteger a cara quando a gente mergulha.

Hoje muita coisa a gente encontra jogada nas praias ou na beira dos rios e aproveitamos.

Para os entrevistados o uso da máscara é importante para proteger o rosto e ter melhor visibilidade do alvo, pois sem o uso da mesma se torna difícil enxergar no fundo. O mergulhador usa alguns equipamentos simples para essa prática como máscara que é feita com uma lente de vidro e uma parte de borracha que fica em contato com o rosto ajudando na vedação, a ideia da máscara é manter uma certa quantidade de ar entre os olhos e a água auxiliando o mergulhador a enxergar melhor.

Como vocês respiram durante essa prática? E quanto tempo em média vocês conseguem ficar imerso na água sem respirar?

A gente respira antes de mergulhar e prende o folego quando estamos debaixo d'água.

Eu é no máximo 50 segundos

1 minuto ou 2

Logo quando comecei era 30 segundos porque eu cansava muito no começo aí conforme eu praticando agora demoro mais.

Conforme o relato dos alunos a prática do mergulho contribuiu para que os mesmos pudessem controlar por mais tempo sua respiração embaixo d'água, isso acontece porque é preciso ficar esperando o alvo aparecer para poder flexar, torna-se necessário permanecer imerso no fundo para ter mais possibilidade em flexar o peixe.

Sabe tem que ter lanterna, mas só usamos de noite porque de dia da pra enxegar no fundo e quando é noite de luar é melhor pra pescar.

Nos mergulhamos na praia aí quando a gente vai boiar a gente pisa em cima do pau, porque onde não tem pau não tem peixe, eles ficam escondidos no tronco, isso se aprende desde pequeno e se ensina para os outros, tem mergulho que é só riso, um conta uma piada e lá vai

*Tem muitas bocas dependendo da minha pesca, do sucesso do meu mergulho
Pra comer professora*

Pra comer e as vezes pra vende pra comprar outra comida ou alguma coisa que a gente precisa.

De acordo com as respostas dos alunos podemos identificar que a prática do mergulho, acontece basicamente por três motivos que são: Conseguir alimento para sua família, que muitas vezes não tem o que comer, somente o pescado. Outro motivo para que os alunos mergulhem é a questão financeira, uma vez que a venda desses peixes ajudam os mesmos a comprar roupas, calçados e até mesmo outros tipos de alimentos. Contudo, alguns mergulham como uma prática de lazer e contemplação do meio.

CONCLUSÃO

Os questionamentos direcionados aos discentes, por meio do grupo focal, procuraram refletir suas visões acerca de compreender o mergulho no processo pedagógico, cultural e formativo na Educação Física enquanto uma PCA, bem como levantar discussão sobre como este fenômeno enquanto um saber a ser valorizado na educação, dotada de sentido e significado, devendo ser sistematizada enquanto uma PCA na Educação Física, ou seja, na biografia de movimento da Amazônia marajoara.

Nesse sentido, o estudo em questão buscou evidenciar a visão dos alunos (as) sobre quais espaços dos praia, rios e igarapés para a prática de mergulho podem estar presentes, assim como quais objetivos são atribuídos a esse fenômeno, tendo em vista sua prática sinalizar para um campo vasto de objetivos, quer sejam pedagógicos, escolares, de treinamento, lazer etc.

Percebe-se que a autobiografia de movimento e saberes locais como a prática de mergulhar é fator relevante para que seja inserida na PCA e na matriz curricular de ensino de na Educação Física, transformando esse conhecimento, vivenciado fora dos muros da escola, agora sistematizado dentro do ambiente escolar, promovendo uma interligação entre os conhecimentos do conteúdo PCA à vida cotidiana, possibilitando o fortalecimento de suas ideias e visualização de seus conhecimentos e habilidades.

REFERÊNCIAS



BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018, Disponível: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 20 mar. 2024.

MARCONDES, N. A.; BRISOLA, E. M. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 20, n. 35, jul. 2014.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 34ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PIMENTEL, G. G. A. Esportes na natureza e Atividades de aventura: Uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013.

SOUZA, J. Educação Física Reflexiva: problemas, hipóteses e programa de pesquisa. **Movimento**, v. 25, p. 1-15, jan./dez, 2019.